



SEÇÃO: ÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA

## Gênese e conquista do conceito de filosofia cosmopolita de Kant

*Genesis and Conquering of Kant's Concept of Cosmopolitan Philosophy*

*Génesis y Conquista del Concepto Kantiano de Filosofía Cosmopolita*

José Henrique

Alexandre de Azevedo<sup>1</sup>

[orcid.org/0000-0001-9600-7183](https://orcid.org/0000-0001-9600-7183)

[henrique.azevedo@uece.br](mailto:henrique.azevedo@uece.br)

Recebido em: 5 nov. 2022.

Aprovado em: 7 ago. 2023.

Publicado em: 24 nov. 2023.

**Resumo:** Este artigo pretende mostrar a gênese e a conquista do conceito de filosofia cosmopolita de Kant ao longo do seu período pré-crítico. Esse conceito foi erigido por meio das pesquisas de Kant tanto sobre o que significava filosofar na Antiguidade quanto sobre a pretensão de encontrar um método que resolvesse o problema da cientificidade da metafísica. Defende-se que tal conceito é o principal elemento que dota sua filosofia de organicidade, de maneira a conceder coerência lógica ao longo de toda a reflexão crítica: da Crítica da razão pura até o Opus Postumum, Kant conserva os conteúdos e a forma de tal conceito, na medida em que este interessa a todos os humanos, pois visa à consecução de fins racionais aplicados à resolução dos problemas humanos. A investigação, portanto, divide-se em três tópicos: (I) a reflexão das décadas de 1740 e 1750; (II) o problema do método em filosofia próprio à década de 1760; e, finalmente, (III) a formulação do conceito de filosofia cosmopolita ao longo da década de 1770, formulação que subjaz à costura dos fundamentos do projeto crítico.

**Palavras-chave:** filosofia; cosmopolitismo; gênese.

**Abstract:** This article intends to expose the genesis and conquering of the concept of Kant's cosmopolitan philosophy along his precritical period of thought. This concept was constructed through Kant's researches as on what meant to philosophize in ancient time as on his intention to find a method that should solve the problem of the scientificization of metaphysics. We defend that this concept is the main element, which provides organicity to his philosophy, in order to endow logical coherence along his entire critical reflection: from the *Critique of Pure Reason* to the *Opus Postumum* Kant keeps the contents and the form of that concept insofar as it interests to every human being because aims to achieve rational ends to solve human problems. We divided this reflection in three topics: I – the reflection of the decades of the 1740s and 1750s; II – The question of method in philosophy in the 1760s; III – Finally, the formulation of that concept of cosmopolitan philosophy along the 1770s, which grounds the foundations of the critical project.

**Keywords:** philosophy; cosmopolitanism; genesis.

**Resumen:** Este artículo pretende mostrar la génesis y el logro del concepto de filosofía cosmopolita de Kant durante su período precrítico. Este concepto se erigió a través de la investigación de Kant tanto de lo que significaba filosofar en la antigüedad como de su pretensión de encontrar un método que resolviera el problema de la cientificidad de la metafísica. Defendemos que este concepto es el principal elemento que dota de organicidad a su filosofía, de tal modo que proporciona coherencia lógica a toda su reflexión crítica: desde la Crítica de la razón pura hasta el Opus Postumum, Kant conserva el contenido y la forma de este concepto, en la medida en que interesa a todos los humanos, ya que persigue fines racionales aplicados a la solución de problemas humanos. Dividiré, pues, la investigación en tres temas: I - las reflexiones de las décadas de 1740 y 1750; II - el problema del método en la filosofía de la década de 1760; III - y, por último, la formulación del concepto de filosofía cosmopolita durante la década de 1770, formulación que subyace a la costura de los fundamentos del proyecto crítico.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, CE, Brasil.

**Palavras chave:** filosofia; cosmopolitanismo; gênese.

## Introdução

O que é o conceito de “filosofia cosmopolita”? Qual é a sua importância na arquitetura da obra de Kant? O que significou a formação e a conquista do conceito de filosofia cosmopolita, ao longo do período pré-crítico, para a obra crítica de Kant? Podemos responder as duas primeiras questões de maneira objetiva, restando à última a tarefa de servir de mote para este escrito. Ora, já escrevemos em outras oportunidades que o conceito de filosofia cosmopolita é o principal conceito de toda a obra kantiana no que se refere a dotar sua filosofia de certa organicidade (ou sistematicidade) (cf. Azevedo, 2013, 2014). Por conta disso, a filosofia em sentido cosmopolita tem uma dupla função.

Primeiro, Kant elabora uma filosofia que representa uma virada em relação à filosofia tradicional. Esta última é fundada sob o propósito de buscar o melhor sistema metafísico que ontologicamente consiga dar conta da relação entre totalidade e particularidade, entre ordem cósmica e ações morais – em suma, da relação especular entre *Ser e pensar*, em que o pensamento concebe o real como uma totalidade acessível. A virada de Kant consiste em uma revolução copernicana que produz outra totalidade como objeto, pois, uma vez que se perde a capacidade de acessar as coisas como são em si mesmas, o sentido da totalidade é deslocado para a humanidade em todas as suas extensões. Nessa perspectiva, a filosofia em sentido cosmopolita é aquilo que considera um cosmos restrito ao homem e às suas obras, isto é, a ciência, a moral, a religião, o direito etc., o que leva Kant a conceber uma filosofia conformada à sua época, a era do iluminismo e da crítica.

Segundo, ao rejeitar haver qualquer capacidade de cognição do real via metafísica tradicional,

por meio da demonstração de que suas categorias são obsoletas em relação à operacionalidade da ciência moderna, Kant também limita a posição de uma filosofia escolástica. A filosofia feita na escola, especificamente na Prússia do século XVIII, significava uma filosofia sem compromisso com a vida, com as relações sociais e morais, com a busca por métodos que melhorassem as condições das ciências da época; em suma, uma filosofia preocupada em não se contradizer, em vez de criticar o presente<sup>2</sup>. Nesse sentido, a filosofia escolástica e a própria história humana até aquele momento significavam para Kant que a humanidade havia acumulado uma coleção de fracassos somados à sua incapacidade de resolver os seus próprios problemas. Na verdade, o contrário era o verdadeiro; a humanidade havia gerado até ali severos problemas, e o conceito de filosofia cosmopolita teria de ser o esteio, a luz, o condutor da resolução dos problemas da humanidade, pois a noção de filosofia que Kant tem em mente está voltada ao futuro<sup>3</sup>.

Ora, a filosofia em sentido cosmopolita representa a conquista de um estágio da humanidade em que esta se aproximará o máximo possível da efetivação da moral no real, da feitura da própria lei pelos homens em seus estados nacionais, promovendo constituições civis republicanas que evitarão guerras ofensivas etc. No entanto, para que esse futuro pudesse ser pensado dessa maneira, foi necessário conquistar o conceito de “filosofia cosmopolita”, e tal conquista se deu, principalmente, ao longo de período pré-crítico de reflexão de Kant. Apesar de tratar-se de 31 anos (1750-1781) de reflexões díspares entre si, a hipótese que sustentamos é a de que há, na maior parte da reflexão de Kant a partir de, pelo menos, a década de 1760, uma atitude filosófica precisa: *identificar o que interessa a todos*. Esse modelo é uma das constantes ao longo de toda a reflexão filosófica de Kant. Com isso, o conceito de filosofia voltado ao mundo que aparece no pe-

<sup>2</sup> Duas coisas são importantes aqui: Kant chama de “filosofia escolástica” aquela feita nas universidades alemãs, as quais tinham um estilo de ensino tal como um preencher de conteúdos a mente vazia de um jovem. Segundo, rejeitar a filosofia escolástica nesse contexto significa dizer que ela é limitada para o verdadeiro escopo da filosofia, ou seja, resolver problemas humanos ao direcionar à humanidade a um progresso incessante em direção ao melhor que a razão pode pensar para o humano (cf. Azevedo, 2019).

<sup>3</sup> Como doutrina da sabedoria, a filosofia responde como guia da humanidade, usando todas as suas áreas para atingir, no futuro, fins cosmopolitas. As obras de Kant da década de 1790 referendam essa interpretação. Cf. Kant (2006a, 2006b, 1993).

riodo pré-crítico pode ser concebido ainda como difuso, mas com um sentido que se aproximava da precisão que se dá a partir de 1781.

Pretendemos, neste escrito, pinçar elementos que permitam capturar a atitude filosófica e a marca que pauta o modo de proceder em filosofia por parte de Kant: a gênese de um conceito de filosofia cosmopolita aparece de forma clara a partir das obras da década de 1760, em vista da busca por um método de investigação crucial em filosofia, e ele se torna, ao ser conquistado e formulado na *Crítica da razão pura* (doravante *KrV*), o conceito que confere unidade orgânica ao conjunto da obra de Kant. Em meio à vastidão teórica do período pré-crítico (1754-1780), consideramos que cinco escritos, uma lição e duas cartas são determinantes para demonstrarmos nossa hipótese. Referimo-nos ao *Versuch den Begriff der negativen Größen in die Weltweisheit einzuführen*, à *Untersuchung über die Deutlichkeit der Grundsätze der natürlichen Theologie und der Moral*, *Beobachtungen über das Gefühl des Schönen und Erhabenen*, *Nachricht von der Einrichtung seiner Vorlesungen in dem Winterhalbenjahre von 1765-1766*, a *De mundi sensibilis atque intelligibilis forma et principiis*, uma carta a Lambert de 31/12/1765, uma a Markus Herz de 21/02/1772 e a *Vorlesungen über die philosophische Enzyklopädie*<sup>4</sup>.

Em que pese não haver uma unidade sistemática entre as obras supracitadas (tampouco entre aquelas de todo período pré-crítico), o que traça, no entanto, a característica central, que amálgama todas essas obras, é uma noção de filosofia que visa resolver os problemas metodológicos referindo-se ao mundo enquanto resolução ou clarificação dos problemas da humanidade. Com a massiva inserção da atividade científica no campo do saber, desde pelo menos o final do século XVI, perpassando todo o XVII, mudou-se o modo mesmo de tratar o discurso racional; mais precisamente, passou-se de uma relação filosófica em que o discurso precisa apenas ter sentido (lógica clássica), para um em que este necessita ter, além de sentido, referência (lógica

transcendental). Essa atitude marca um acento central no modo kantiano de filosofar, a saber, a busca por um método que dê conta da totalidade dos problemas em seus fundamentos e em seus limites.

Por sua vez, a universidade à época de Kant era tomada pelo modo pietista de organizar a vida cotidiana, cuja principal formação era moral e direcionada para a salvação espiritual. Com isso, filosofias como as de Wolff e Leibniz foram banidas por algum tempo; mais precisamente, até a ascensão ao trono de Frederico II, que se ocupou de algumas reformas intelectuais nas universidades da época e reouve uma discreta liberdade de ensino (cf. Kuehn, 2001). Devido a esse fato, as ideias desses filósofos supracitados voltaram à tona na metade do século XVIII, mas não sem serem confrontadas pela filosofia de base pietista da época, pautada em uma rígida moralidade e na prática dos ensinamentos. Esse ambiente filosófico moldou o pensamento kantiano; entretanto, de que modo podemos interpretar a evolução filosófica de Kant, na medida em que ele acomoda elementos tanto de pietistas quanto do dogmatismo metafísico? Qual a relação entre o conceito de filosofia cosmopolita e a busca por um método seguro em metafísica? Como podemos interpretar o pensamento pré-crítico de Kant em vista da conquista e da formulação do seu conceito de filosofia? Daniel Omar Perez nos fornece uma pista:

O Kant pré-crítico deveria ser seccionado em: a) o momento do racionalismo dogmático que se estenderia desde o começo da obra até inícios de 1760, este sub-período estaria caracterizado pela física de Newton e a metafísica de Leibniz e Wolff, determinando as grandes linhas de pesquisa e pensamento; b) o momento do empirismo, que se prolongaria por toda a década de 1760, ali Kant teria sustentado as influências de Locke e Hume, como também de Rousseau e Shaftesbury. (PEREZ, 1998, p. 32).

Isto significa que há, pelo menos, dois períodos distintos, os quais se relacionam na possibilidade de encontrar um método seguro em metafísica. Isto quer dizer que o período mais antigo refletia

<sup>4</sup> Para acessar todas essas obras: <http://kant.korpora.org/Inhalt2.html>. Acesso em: 20 ago. 2023.

uma visão ainda tateante do método. No período da década de 1760, por sua vez, há uma clara busca por um cânone que mostrasse os erros dos dogmáticos, mas avançando para superar o ceticismo intrínseco ao empirismo, que foi eleito como o único método possível para derrubar o dogmatismo.

Com isso, podemos dividir a reflexão filosófica do período pré-crítico em, pelo menos, três momentos: (I) no seu primeiro momento podemos encontrar a filosofia como cosmologia, por meio de uma grande preocupação com questões relevantes à ciência da natureza, nas décadas de 1740 e 1750; (II) na década de 1760, a preocupação filosófica volta-se, completamente, à reorganização da metafísica, por meio da busca por um método que resolva, de uma vez por todas, suas imprecisões; (III) há na década de 1770 o amadurecimento de sua filosofia crítica e o início das lições de antropologia, em desenvolvimento, a qual estava, totalmente, subordinada ao projeto de uma *Crítica da razão pura*.

I

No primeiro momento cosmológico de Kant, relativo às décadas de 1740 e 1750, há uma mini-ma preocupação em buscar um método seguro, sendo mais proficuas as investigações sobre as ciências exatas. Kant entrou na universidade de Königsberg no ano de 1740 e cursou muitas disciplinas sobre filosofia da natureza. Durante a graduação, teve, pelo menos, dois professores muito inspiradores no que concerne a esse tema, a saber, Johann Gottfried Teske (1704-1772) e Martin Knutzen (1713-1751) (cf. Kuehn, 2001).

Ora, essa formação baseada na ciência guiou Kant a se ater a questões cosmológicas, tratando das verdades empíricas do universo físico e metafísico. Isso pode ser provado a partir dos temas de algumas obras que ele lançou naquele período.<sup>5</sup> Tais obras nos mostram que Kant tinha um interesse muito forte pela ciência da natureza, e nada mais natural que sua tentativa de reaver o *status* da cosmologia, uma parte da *metafísica speciallis*, no panteão dos saberes realmente importantes à sua época.

Com efeito, desde Copérnico e Galileu a cosmologia como ciência foi esquecida, e ela, mais ou menos, se confunde com uma astrofísica em desenvolvimento: a representação concreta do universo centrado na terra foi substituída pela universalidade formal das leis; o centro privilegiado do universo que é a terra foi substituído pela noção abstrata de sistema de referência. Restaurar a cosmologia como ciência, tirá-la do esquecimento, que justamente permitiu que a ciência da natureza se tornasse uma físico-matemática, é mais do que propor um modelo como tal, é restaurar os direitos da filosofia primeira como via de acesso à ciência.<sup>6</sup> (KERSZBERG, 2009, p. 96).

Ora, a cosmologia é inspirada no sistema wolfiano de interpretação do mundo como totalidade. No entanto, na cosmologia racional de Wolff, a existência material era tomada como uma qualidade da essência, sendo, pois, um complemento desta última; isso implica que o mais importante é compreender a potência contida nos entes que compõem o mundo material, potência esta que é a chave de compreensão do real, visto ser ela que realiza algo ainda incompleto. Em um momento intelectual que a ciência newtoniana tinha conceitos muito mais operatórios para compreender a dinâmica do real, a metafísica de Wolff era tomada

<sup>5</sup> *Gedanken von der wahren Schätzung der lebendigen Kräfte* (AA I, 1747), *Untersuchung der Frage, ob die Erde in ihrer Umdrehung um die Achse* (AA I, 1754), *Die Frage, ob die Erde veralte, physikalisch erwogen* (AA I, 1754), *Allgemeine Naturgeschichte und Theorie des Himmels* (AA I, 1755), *Meditationum quarundam de igne succincta delineatio* (AA I, 1755), *Principiorum primorum cognitionis metaphysicae nova dilucidatio* (AA I, 1755), *Fortgesetzte Betrachtung der seit einiger Zeit wahrgenommenen Erdschütterungen* (AA I, 1756), *Metaphysicae cum geometria iunctae usus in philosophia naturali, cuius specimen I. continet monadologiam physicam* (AA I, 1756), *Neue Anmerkungen zur Erläuterung der Theorie der Winde* (AA I, 1756), *Ob die Westwinde in unsern Gegenden darum feucht seien, weil sie über ein großes Meer streichen* (AA II, 1757), *Neuer Lehrbegriff der Bewegung und Ruhe und der damit verknüpften Folgerungen in den ersten Gründen der Naturwissenschaft* (AA II, 1758). A ordem destes textos são designações da Akadademie Ausgabe, que organizou a obra completa de Kant. Disponível em: <https://korpora.zim.uni-duisburg-essen.de/kant/verzeichnisse-gesamt.html>, em que é possível encontrar até o Volume XXIII das obras completas de Kant. Acesso em: 2 nov. 2022.

<sup>6</sup> Agradeço imensamente a Fabien Pascal Lins pela tradução deste excerto. Do original: "*Depuis Copernic et Galilée, en effet, la cosmologie comme science est oubliée, et elle se confond plus ou moins avec une astrophysique en développement: à la représentation concrète de l'univers centré sur la terre a été substituée l'universalité formelle des lois; au centre privilégié de l'univers qu'est la terre a été substituée la notion abstraite de système de référence. Restaurer la cosmologie comme science, la tirer de l'oubli qui a justement permis à la science de la nature de devenir une physique mathématique, c'est donc plus que proposer un modèle tout en le proposant comme tel; c'est restaurer les droits de la philosophie première comme voie d'accès à la science*".

como uma filosofia que apenas fazia sentido se compreendida em seus elementos internos (uma vez que internamente não havia contradição), contudo tal saber era incapaz de fornecer uma referência empírica sob a qual seus conceitos recaíssem.<sup>7</sup> Em que pese conservar certa atitude wolffiana, o modelo da cosmologia elaborada por Kant seguia, principalmente, os princípios newtonianos, na medida em que Kant partia de fenômenos concretos para deduzir os primeiros princípios da natureza em suas investigações das décadas de 1740 e 1750.

## II

A metafísica da década de 1760, por sua vez, era um campo de disputas entre sistemas filosóficos diferentes e sem diálogos possíveis entre si, cujas querelas apenas chegariam a termo caso houvesse um meio de conceber um sistema das condições de possibilidade para o pensar em geral. Desse modo, Kant entendia que a filosofia deveria ter seu cerne em uma *razão* com uma forte função metodológica; com isso, no período da década de 1760, pensamos que amadurece não apenas o método (que só se faz definitivo na *KrV*) mas também um modo acurado de busca por princípios seguros, que pudessem organizar uma filosofia igualmente insuspeita para tratar do mundo.

Perez (1998, p. 15) nos diz que “o Kant pré-crítico defronta-se com problemas de semântica e de finitude”. No que concerne à finitude no período da década de 1760, Kant sempre colocou em perspectiva a questão dos limites da metafísica. Assim, não são fortuitas as aparições de obras que tratam sobre a moral, sobre o sonho dos metafísicos de descobrirem terras ilimitadas onde poderiam se estabelecer à vontade, ou mesmo sobre observações acerca dos costumes das sociedades etc. Todos esses temas têm uma predominância teórica de objetos relativos à finitude, mas com uma sutil forma de ainda buscar

por princípios fundamentais.

Ora, a década de 1760 mostra também uma clara busca por um cânone que clarifique os erros dos dogmáticos, mas que também possa avançar com o intuito de superar o ceticismo dos empiristas ingleses. Aqui sua noção de filosofia começa a ganhar contornos mais decisivos e mais próximos de seu desenvolvimento crítico. Isso ocorre por conta da massiva disputa por hegemonia na metafísica da época entre pietistas, tendo em Crusius seu principal nome, e wolffianos: “Crusius, discípulo de Hoffmann, deu ao movimento antiwolffiano sua configuração sistemática última. Seu realismo e voluntarismo tiveram influência direta na formação do pensamento kantiano”<sup>8</sup> (BELSUNCE, 2007, p. 43, tradução nossa). Crusius era um pietista moderado que se propôs a pensar a filosofia wolffiana antes de criticá-la.

### O modo de fazer filosofia

[...] continuava no século XVIII o estilo de pensamento que Descartes havia iniciado e que gozava do prestígio conseguido pelo método dedutivo; de certo modo, continuava também o a tradição da escolástica alemã (*Schulmetaphysik*) do século XVII.<sup>9</sup> (BELSUNCE, 2007, p. 43, tradução nossa).

Essa polêmica entre Crusius e Wolff tinha como pano de fundo a ideia de ganhar terreno na academia alemã de Frederico II. Obviamente, essa polêmica teve ressonância no modo como Kant formulou suas noções de filosofia, principalmente no que concerne ao modo de filosofar de Wolff. O método de Wolff dizia respeito a buscar um princípio lógico a partir do método axiomático dedutivo, ao contrário das filosofias dominantes da época (Descartes e Spinoza), que objetivavam um absoluto no pensamento a partir do qual tudo pudesse advir. Wolff pontuava que, a partir do princípio de não-contradição, era possível deduzir todas as verdades da ciência e da filosofia.

A filosofia se converte, assim, em uma ciência demonstrativa a partir de princípios. Para ilustrar isso para recordar algumas das regras

<sup>7</sup> Cf. o capítulo 5, *As Origens da Ontologia*, em Gilson (2016).

<sup>8</sup> Do original: “Crusius, discípulo de Hoffmann, dio al movimiento antiwolffiano su configuración sistemática y última. Su realismo y voluntarismo tuvieron influencia directa en la formación del pensamiento de Kant”.

<sup>9</sup> Do original: “Continuaba en el siglo XVIII el estilo de pensamiento que había iniciado Descartes y que gozaba del prestigio logrado por el método deductivo; en cierto modo, continuaba también la tradición de la escolástica alemana (*Schulmetaphysik*) del siglo XVII”.

de seu método enunciadas nos títulos dos parágrafos do capítulo que diz respeito à sua Lógica Latina:

\*116: Em filosofia não se tem que empregar termos que não tenham sido explicados por uma definição.

\*117: Em filosofia não se tem que empregar princípios que não sejam suficientemente provados.

\*118: Em filosofia não se deve admitir nenhuma proposição que não se deduza legitimamente de princípios suficientemente provados.

\*119: Em filosofia os termos que entram nas definições posteriores devem ser explicados pelos anteriores.

\*126: Defino as hipóteses filosóficas por adoção para dar razão como se fossem daquelas coisas que ainda não se pode demonstrar que são.

\*127: Em filosofia daremos lugar às hipóteses filosóficas, na medida em que facilitam o caminho para a verdade pura.

\*139: As regras do método filosófico são as mesmas do método matemático.<sup>10</sup> (BELSUNCE, 2007, p. 44, tradução nossa).

Para Wolff, o ordenamento lógico tem de ter sua correspondência na realidade. Mais precisamente, as coisas se ordenam racionalmente segundo o princípio de razão suficiente, sendo, pois, esta a condição de toda e qualquer objetividade. O ideal metodológico da filosofia wolffiana tem na matemática o seu modelo, por meio da exposição articulada do sistema, da ordem e da dedução que parte dos princípios lógicos por cadeias de raciocínios.

A filosofia kantiana teve uma grande influência tanto positiva quanto negativa da filosofia wolffiana, segundo Belsunce (2007). A primeira diz respeito ao ideal de rigor científico e demonstração *a priori* da validade dos argumentos, porque uma filosofia marginal, segundo os ditames da época, precisava, no mínimo, não ser facilmente derrubada e seguir uma ciência que regulasse plenamente cada passo argumentativo; o sentido

negativo da influência, por sua vez, diz respeito ao fato de ter se distanciado das posições de Wolff na década de 1760 à medida que seu pensamento amadurece.

Ora, na década de 1760, Kant capta de Wolff a forma e o método para organizar a filosofia, em que pese ter uma atitude completamente diferente em relação ao conteúdo. De Crusius, ele adquire a crítica da lógica de Wolff e sua falta de referência empírica, e de Newton advém o modelo metodológico de ciência que a metafísica necessitava para ser considerada válida. Na década de 1760, Kant mapeou o modelo sem, no entanto, defini-lo com precisão, coisa que só ocorreria na *KrV*. O conhecimento matemático, embora de caráter apodítico, não pode fornecer uma base para a segurança da validade nas proposições da filosofia. O dedutivismo apriorista de Wolff foi contraposto pelo método newtoniano; os seguidores de Newton não negavam o valor intrínseco da lógica enquanto organizadora do pensamento, entretanto não consideravam válida a sua dedução no âmbito do real<sup>11</sup>.

Com isso, os newtonianos que se contrapunham a Wolff se viram obrigados a delimitar o âmbito de atuação do método matemático, em vista da sua distinção em relação ao método filosófico. Kant, desde a década de 1760, tem plena certeza de como deve estruturar a separação entre o método da matemática e o da filosofia, pois "a aproximação que se estabelece entre física e metafísica ganha relevância depois que se produziu um distanciamento entre física e matemática"<sup>12</sup> (BELSUNCE, 2007, p. 47, tradução nossa).

A primeira obra em que isso se expressa da maneira como pontuamos é a *Investigação sobre a evidência dos princípios da teologia natural e da moral*, visto que há uma busca por um método

<sup>10</sup> Do original: "La filosofía se convierte así en una ciencia demostrativa a partir de principios. Para ilustrar esto baste recordar algunas de las reglas de su método, enunciadas en los títulos de los parágrafos del capítulo respectivo de su Lógica latina: \*116: En la filosofía no hay que emplear términos que no hayan sido explicados con una definición exacta. \*117: En la filosofía no hay que emplear principios que no estén suficientemente probados. \*118: En la filosofía no se debe admitir ninguna proposición que no se deduzca legitimamente de principios suficientemente probados. \*119: En la filosofía los términos que entran en las definiciones posteriores, deben ser explicados por las anteriores. \*126: Defino a las hipótesis filosófica por la adopción, para dar razón como si fueses, de aquellas cosas que aún no puede demostrarse que son. \*127: En la filosofía daremos lugar a las hipótesis filosóficas en cuanto facilitan al camino para descubrir la verdad pura. \*139: Las reglas del método filosófico son las mismas del método matemático".

<sup>11</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre isso: cf. Stan (2012).

<sup>12</sup> Do original: "El acercamiento que se establece entre física y metafísica, tiene lugar después que se ha producido un distanciamiento entre física e matemática".

mais claro e seguro em metafísica, por meio do qual a teologia e a moral possam ter proposições mais acuradas e, no que concerne à última, um fundamento seguro para as ações morais. Contudo, a grande importância referencial diz respeito à questão metodológica:

A questão proposta possui um caráter tal que, se for resolvida de maneira pertinente, a filosofia primeira deve adquirir uma forma determinada. Se for estabelecido o método pelo qual se pode alcançar a máxima certeza possível nessa espécie do conhecimento e a natureza dessa convicção for bem compreendida, então em vez da eterna inconstância das opiniões e seitas escolásticas, uma precisão imutável do modo de proceder deve unir as cabeças pensantes em esforços idênticos; assim como o método de Newton, na ciência da natureza, transformou a falta de nexos das hipóteses físicas em um procedimento seguro, segundo a experiência e a geometria [...] Não me fiarei nas doutrinas dos filósofos, cuja insegurança dá ensejo justamente à presente tarefa, nem nas definições, que enganam com tanta frequência. O método de que me sirvo será simples e cauteloso. Daquele mínimo que ainda possa achar-se inseguro se fará uso apenas para a explanação, mas não para a demonstração. (KANT, 2005, p. 103-104)

Kant, desse modo, pretende achar uma maneira por meio da qual a ciência primeira possa encontrar uma forma determinada, com a qual qualquer investigador possa trabalhar de modo seguro. Todavia, Kant tinha em mente que a distância para o saber matemático deve trazer à tona um seguro método em metafísica, assim como Newton propôs para a sua ciência da natureza. Por conta disso, nesse mesmo escrito, Kant (2005, p. 104) diz que

[...] pode-se chegar a todo conceito universal por uma dupla via: ou pela vinculação arbitrária dos conceitos, ou por abstração daquele conhecimento que se tornou distinto por desmembramento.

A matemática concebe suas definições justamente de acordo com essa primeira alternativa.

Isso mostra a necessidade de um método simples e seguro para a metafísica, na medida em que esta é "uma *filosofia* sobre os primeiros fundamentos de nosso conhecimento" (KANT, 2005, p. 104). Por isso, ele acreditava que o procedimento metafísico de desmembramento servia

a um propósito ainda obscuro, mas tinha o mérito de fugir do wolffianismo e de sua mera imitação da matemática, uma vez que aqui ele crê que a certeza metafísica difere substancialmente da certeza matemática. Essa utilidade negativa foi um avanço para pensar uma filosofia que tenha como referência o mundo. Portanto, na *Investigação sobre a evidência dos princípios da teologia natural e da moral* encontra-se uma busca incessante pela clareza metodológica.

Seguindo essa esteira da relação metodológica, é possível encontrar em uma carta de Kant a Lambert, de 31/12/1765, a expressão de uma busca por uma fundamentação segura em filosofia, com a qual a metafísica pudesse ser a ciência dos fundamentos do pensamento. Kant pretende limpar o terreno da metafísica, a fim de encontrar um fundamento renovador do pensamento:

Ao longo de muitos anos volvi as minhas reflexões filosóficas para todos os lados imagináveis e, após tantas voltas pelas quais procurava de cada vez as fontes do erro ou do discernimento no modo de proceder, consegui finalmente ter por seguro o método que se deve observar, se se quiser escapar dessa ilusão do saber que faz com que se julgue a todo momento haver chegado ao ponto decisivo, mas também muitas vezes que se tem de voltar ao seu caminho, ilusão da qual nasce igualmente a desunião destrutiva dos pretensos filósofos, porque não há aí nenhuma medida comum para tornar concordantes seus esforços. Desde esta época, a partir da natureza de toda investigação que se me depara, vejo sempre aquilo que devo saber para produzir a solução de uma questão particular e qual grau de conhecimento a partir do qual se determina aquilo que é dado, de tal modo que, decerto, o juízo se torna muitas vezes mais limitado, mas também mais determinado e mais seguro do que comumente acontece. Todos esses esforços confluem principalmente no método próprio da metafísica e, por seu intermédio, também da filosofia no seu todo. (KANT, 1988, p. 8-9).

Ora, Kant trata aqui da evolução de sua maneira de conceber a filosofia, de modo que, apesar de ter partido de total difusão e indeterminação de suas reflexões filosóficas, ele se coloca em favor de uma determinação metodológica. Kant também já deixa bem claro que seu objetivo não diz respeito a ampliar indefinidamente os conteúdos cognitivos, mas sim, por ser mais interessante, ter juízos limitados e seguros. Sua

correspondência com Lambert supõe que há, ao mesmo tempo, uma busca por uma posição de descanso metodológico e vigilância para não errar de modo radical. Essa forma de pensar o método, isto é, como algo que deve ser cabal e referente ao mundo, ganha maior substância ao virem à tona seus conteúdos antropológicos: referimo-nos tanto às concepções educativas sobre o pensar filosófico quanto a uma antropologia dos costumes dos salões de sua época; o termo "antropologia" aqui utilizado é anacrônico, visto que Kant apenas fará uso desse conceito na década de 1770, mas já é possível avistar um vislumbre do que virá posteriormente.

Mais precisamente, a *Informação acerca da orientação dos seus cursos no semestre de inverno de 1765-66* e as *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* mostram que há uma organização filosófica que está amadurecendo em direção a um conceito de filosofia que realmente interessa a todos como ponto de apoio do método e da organicidade do sistema. A *Informação* é um texto em que Kant tem a pretensão de mostrar o que ensinará no seguinte semestre de inverno de 1765-1766. A pergunta oculta que aparece nesse pequeno opúsculo diz respeito a compreender o seguinte: *é possível aprender filosofia?* Por trás dessa questão aparece toda uma concepção de filosofia que começa a ser esboçada nessa época.

Kant diz que todo adolescente que entra universidade está ainda no ritmo de aprendizagem da escola secundária, a qual deve preenchê-lo com conteúdos que ele deve guardar até que algum dia possa usá-lo para além dos exames habituais. Na universidade, esse tipo de ritmo de aprendizagem não mais deve ter vez, pelo menos no que diz respeito ao saber filosófico, pois "para aprender também filosofia, antes de tudo, teria de existir realmente uma" (KANT, 1994, p. 190). Mais precisamente, Kant quer dizer que não há nenhum livro de filosofia que tenha posto termo nas questões mais relevantes dessa área do saber.

É necessário, com isso, não se preocupar em aprender filosofia, uma vez que esta não está dada, mas sim aprender a pensar por meio da

filosofia, ou seja, aprender a filosofar. Pensar uma filosofia já acabada e detentora de todas as respostas é uma ilusão de ciência que não contribui em nada para a formação filosófica dos estudantes. Talvez seja este pequeno texto a principal gênese desse conceito, mas, certamente, não a única.

As *Observações* também têm um caráter fundamental na formação metodológica da filosofia kantiana, contudo por meio de um duplo efeito; há aqui um caráter empírico-observacional que contribuiu, sobremaneira, para o advento de uma filosofia que tenha como ponto principal voltar-se ao mundo. Assim, é necessário ir de encontro à perspectiva de Vinicius Figueiredo na *Introdução* de sua tradução das *Observações*, na medida em que ele, apesar de acreditar haver grande importância nessa obra como um contributo ao esclarecimento que está na base da filosofia transcendental, não vê nenhuma ligação entre esse tipo de reflexão e sua relação metodológica crítica (FIGUEIREDO, 1993). Kant (1993, p. 19), no entanto, dá uma boa pista para a reflexão ao afirmar: "aqui lanço meu olhar, mais de observador do que de filósofo, apenas sobre alguns pontos que parecem apresentar-se como relevantes nessa área". Isso quer dizer que Kant está mais preocupado em entender o modo como determinado grupo social se comporta, em detrimento de um método mais acurado em metafísica que desse, inclusive, uma base universal para tal observação.

Entretanto, o que aqui interessa é saber para onde está direcionada a observação que se converterá em reflexão, isto é, os juízos de Kant nas *Observações* estão sempre direcionados ao mundo, enquanto instância de interesse reflexivo. Esse interesse não é fortuito, apesar de naquele período não estar claramente formulado, senão em germen. Fabrice Paradis Béland (2009), em artigo intitulado *L'origine "précritique" du "concept cosmique" de la philosophie chez Kant*, afirma que as *Anotações acerca das Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* são cruciais para a formação do conceito de filosofia cosmopolita. Tal obra advém das anotações de Kant feitas em um exemplar pessoal das *Observações* e tem a



data correta indeterminada, mas acredita-se que seja de 1764. Assim, para Béland (2009, p. 263), "é na época das *Anotações* que Kant desenvolverá o conceito de filosofia que ele conservará ao longo de sua carreira filosófica".

Há duas razões para tal assertiva: a primeira diz respeito à influência de Rousseau sobre Kant naquela época. No *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, Rousseau (2005) faz uma distinção entre o filósofo e o amigo da verdade, pois a falsa filosofia do primeiro faz ser necessária a elaboração de uma filosofia verdadeira por parte do segundo. Essa distinção é reelaborada e se torna o núcleo central da *Arquitetônica da razão pura* da *KrV*. A segunda razão para tal assertiva consiste no fato de que as *Anotações* mostram uma falta de linearidade na filosofia kantiana, no sentido de que, no período pré-crítico, há uma gama de reflexões caras ao período crítico. De fato, há tanto nas *Observações* quanto nas *Anotações* uma formação do pensamento metodológico não somente voltado ao mundo mas também direcionado para uma organização da reflexão como um todo; e essa é, justamente, a base que é fornecida pelo *conceito de filosofia cosmopolita*.

Em *Kant's conception of philosophy*, Robert Clewis (2013) examina quatro textos dos anos de 1764 e 1765 (a saber, *Investigações sobre a evidência*, *Observações*, *Ensaio sobre as doenças mentais* e *Informação*), a fim de mostrar que aqui se inicia uma reflexão que tem como pauta, mesmo que inconsciente, uma concepção de filosofia que vai ser maturada e reverberará por toda a obra crítica. Desse modo, segundo Clewis, nas *Investigações* Kant mostra haver princípios fundamentais que regem a teologia natural e que devem dar base ao comportamento moral; nas *Observações* há uma investigação sobre o comportamento humano, que tem como fundamento a observação, e ali isso é feito pela primeira vez.

Nesse sentido, Clewis (2013) afirma que as *Anotações sobre as Observações* fundamentam um sentido filosófico às *Observações* ao entender a filosofia como uma *weltweisheit* (sabedoria de mundo); da *Informação*, por sua vez, Kant retiraria

a noção de que a filosofia é, prioritariamente, um modo de vida, e não um meio de subsistência, pois este último é, no máximo, uma consequência daquele primeiro; Clewis também chega a sugerir que na *Informação* haveria uma precedência de uma antropologia descritiva sobre uma ética normativa. O autor conclui que os textos analisados mostram um conceito de filosofia em uma versão crua, que é maturado no período crítico, mas que conserva elementos centrais, que podem ser resumidos como uma tendência da filosofia à prática.

Concordamos com Robert Clewis quanto à ideia de que há uma concepção de filosofia crucial que se expõe de modo incipiente. Entretanto, sustentamos, mas indo além do autor, que essa maturação – que desembocará em um *conceito de filosofia cosmopolita* – condiciona Kant a conduzir, pautar e organizar não somente o método para filosofar, mas também uma organicidade sistemática na sua filosofia, na medida em que Kant dá-se conta de que a filosofia é o que fornece a *coerência lógica* ao perseverar na resolução dos problemas da humanidade (cf. Azevedo, 2019). Com isso, os textos da década de 1760 mostram a gestação do *conceito de filosofia cosmopolita*, na medida em que aqui despontam os conteúdos que farão parte de sua maturação, além de mostrar uma ligação intrínseca entre a noção de método e a de modo de vida como, plenamente, filosóficas.

### III

Na década de 1770, Kant estava, completamente, convencido de que uma metafísica bem fundada ajudaria os homens a viver melhor, sendo ela um padrão tanto para a investigação científica com fins de descobertas de novos benefícios aos homens quanto para o âmbito moral. Essa época do pensamento kantiano é comumente conhecida por década silenciosa, devido ao diminuto, ou mesmo quase nulo, número de publicações; mas sabe-se que, naquele mesmo período, Kant, enquanto professor efetivo da Albertina Universidade de Königsberg, amadureceu seu pensamento e desenvolveu e escreveu a *KrV*.

Podem ser citados, então, como escritos de importância capital da época a sua *Dissertação* de 1770 e sua correspondência com Markus Herz, principalmente, a carta de 21/02/1772; outras duas cartas também são de boa relevância: a de 07/06/1771 e outra, de data indeterminada, mas provavelmente do final do ano de 1773, direcionadas também a Herz. Igualmente é muito relevante o fato de que Kant iniciou em 1772 um curso regular de Antropologia, ao mesmo tempo que desenvolvia a filosofia crítica. Tal fato é importantíssimo, em que pese a ideia madura de antropologia ter sido relegada a segundo plano e apenas ter ganhado relevância na década de 1790<sup>13</sup>, devido ao fato de que o mais essencial, em um sentido obsessivo do conceito necessitado naquele momento, era fundamentar a metafísica como ciência. Na *Dissertação*,<sup>14</sup> Kant está preocupado em organizar os princípios primeiros que podem fundamentar uma visão de mundo em que os erros da metafísica sejam extirpados, um mundo em que as incertezas cognitivas não deem brechas para incertezas morais, ou mesmo em que as certezas cognitivas, objetivas e empíricas não se estendam além do que pode ser conhecido, ou seja, ao nível do suprassensível:

De fato, este desacordo entre a faculdade sensitiva e a intelectual [...] não indica senão que a mente muitas vezes não pode executar *in concreto* e converter em intuição as ideias abstratas que recebeu do entendimento. Ora, esse conflito (*reluctantia*) subjetivo contrafaz, quase sempre, alguma contradição (*repugnantiam*) objetiva e facilmente engana os incautos uma vez que os limites que circunscrevem a mente humana são tidos por limites que encerram a própria essência das coisas. (KANT, 2005, p. 229).

Essa passagem exemplifica que a *Dissertação* é perpassada por muitos temas que comporão a *KrV*; também é possível dizer que a atitude crítica já está em gérmen, mas sem uma formulação

clara. O que se faz evidente aqui é a noção de limite, que contribuirá, sobremaneira, para a consecução do conceito de filosofia cosmopolita como uma doutrina da sabedoria que deve mostrar ao homem como viver e, reflexamente, como não ultrapassar as barreiras da finitude. Entretanto, na *Dissertação* está claro que o método em filosofia tem de ser capaz de resolver esse assunto.

Com isso, aquele conceito de filosofia que tem seu gérmen na década de 1760 nunca será esquecido por Kant, em que pese ter ficado em segundo plano devido ao árduo trabalho de escrever e organizar os escritos sob o ponto de vista de uma *Crítica*. No entanto, a metodologia que Kant buscava naquele período tem como ponto central uma doutrina da sabedoria de mundo, apesar de não haver uma formulação precisa desse conceito na década de 1770. Isso fica claro ao analisarmos as cartas a Markus Herz da época. Em 07/06/1771, Kant escreve a Herz afirmando que está a trabalhar em uma obra que dá continuidade ao seu desejo de encontrar um método seguro em metafísica, e ele indica, inclusive, que está esboçando tal método:

Você entende quão importante para a filosofia em geral – até mesmo para os mais importantes fins de toda a humanidade – distinguir com certeza e clareza aquilo que depende de princípios subjetivos dos poderes mentais humanos (não apenas da sensibilidade, mas também do entendimento) daquilo que pertence diretamente aos objetos [...]. Eu estou, então, agora ocupado com um trabalho ao qual eu chamo de *Os limites da sensibilidade e da razão*.<sup>15</sup> (KANT, AA X, p. 122-123, tradução nossa).

Esse trecho confirma a hipótese de que Kant (AA X, p. 123, tradução nossa) tem uma noção de filosofia voltada ao mundo, a qual se fortalece em sua continuação futura, visto afirmar que

<sup>13</sup> Defendemos esta tese em Azevedo (2019).

<sup>14</sup> Que está dividida em cinco seções, e sua principal tarefa é expor as formas e os princípios para o conhecimento do mundo sensível e inteligível. Assim, "a primeira seção define a noção de mundo em geral; a segunda distingue o conhecimento sensível do inteligível; a terceira expõe os princípios do mundo sensível; a quarta trata da exposição dos princípios do mundo inteligível; finalmente, a quinta seção apresenta uma importante discussão sobre o método da metafísica" (LINHARES, 2012, p. 46).

<sup>15</sup> Do original: "Sie wissen welchen großen Einfluß die gewisse und deutliche Einsicht in den Unterschied dessen was auf subjectivischen principien der menschlichen Seelenkräfte nicht allein der Sinnlichkeit sondern auch des Verstandes beruht von dem was gerade auf die Gegenstände geht in der gantzen Weltweisheit ja so gar auf die wichtigsten Zwecke der Menschen überhaupt habe [...] Ich bin daher ietzo damit beschäftigt ein Werk welches unter dem Titel: Die Grenzen der Sinnlichkeit und der Vernunft".

[...] isto resolverá em detalhes os princípios fundamentais e as leis que determinam o mundo sensível junto a um esboço do que é essencial para uma Doutrina do Gosto, para uma Metafísica e para uma Filosofia Moral!<sup>16</sup>.

A famosa carta de 21/02/1772 endereçada também a Herz, por sua vez, é considerada pelos comentadores de Kant a pedra fundamental de sua filosofia crítica. Ali, ele traz pela primeira vez à tona a ideia de que seu projeto está pautado em uma *Crítica da razão pura*<sup>17</sup> (KANT, 2010, p. 132, tradução nossa). Na mesma carta, ele traz para o debate dois de seus principais conceitos fundacionais da filosofia crítica, a saber, o de "transcendental" e o de "categoria", os quais concordam, plena e fundamentalmente, com esta dupla parte da metafísica: a moral e a natureza.

Chama atenção também a pretensão de Kant de publicar tudo em três meses, algo que, como todos sabemos, não ocorreu. Somente em 1781 ele publicou a sua *KrV*. O interessante é que, apesar de o projeto metafísico ter sido a grande obsessão de Kant durante a década de 1770, também se inicia a sua disciplina de antropologia como parte da formação filosófica que o autor concede a seus alunos. A relação entre a formulação de uma antropologia como disciplina e da *KrV* como fundamento da filosofia tem grande relevância na obra de Kant, mas foi pouco explorada por seus comentadores. As obras que Kant escreveu nesse dito período pré-crítico serviram como laboratório para o seu projeto crítico e, principalmente, para formular um caminho com o qual a humanidade pudesse resolver seus próprios problemas, tal como nos explica Vinicius Figueiredo (1993, p. 20):

Assim, por exemplo, a diferença entre matemática e filosofia, apontada na *Investigação sobre a evidência*, será mantida praticamente intacta na Doutrina Transcendental do Método, sob o título de *Disciplina da Razão Pura no seu Uso Dogmático*; a distinção entre oposição lógica e oposição real, proposta no *Ensaio para Introduzir em Filosofia o Conceito de Grandeza Negativa*, fornecerá a base para a crítica ao in-

telectualismo leibniziano, exposta na *Analítica Transcendental*; a articulação entre demonstração especulativa e crença prática (*Sonhos de um Visionário*), embora profundamente modificada, será reivindicada por Kant no prefácio de 1787 como aquilo que representa a utilidade positiva da obra; finalmente, a distinção entre sensível e inteligível enquanto dois modos de conhecimento pautados por procedimentos irreduzíveis, introduzida na *Dissertação* de 1770, fornecerá a base da futura Doutrina dos Elementos.

Kant buscava uma unidade sistemática, que acabou por ser amalgamada no conceito de filosofia cosmopolita, enquanto organizador do modo de filosofar e articulador central de uma atitude metodológica, que perpassará por sua obra de modo constante. O *conceito de filosofia cosmopolita* advém de muitos anos de atividade intelectual laboriosa para a *conquista do conceito*. No entanto, pode-se afirmar que a filosofia kantiana desenvolveu-se em vista de uma crítica a partir do momento em que se tornou consciente de que a noção de filosofia deve organizar o sistema, uma noção sem a qual não haveria uma *coerência lógica*, um plano orgânico-sistemático. Tal noção de filosofia tornou-se completamente cristalina na *Arquitônica da razão pura* da *KrV* (A 837-8/B 866-7)<sup>18</sup>. Aqui começa uma chave de leitura fundamental para sua filosofia, no que diz respeito à função essencial do *conceito de filosofia cosmopolita* no sistema. Esse é o princípio basilar em torno do qual todo o fundamento orgânico de filosofia se põe (AZEVEDO, 2014).

A atitude filosófica kantiana ganhou uma forma sistemática a partir do momento em que estabeleceu tal conceito como cosmopolita (*weltbürgerlich*), enquanto instância que interessa a todos. A sua posição no centro da *Arquitônica da razão pura* não é algo fortuito, e sim, pelo contrário, deliberado, a fim de mostrar uma função: ser o princípio de *coerência lógica* na atitude crítica, espalhando o seu procedimento como um sistema nervoso central da filosofia kantiana em perpétuo movimento.

<sup>16</sup> Do original: "Das Verhältnis der vor die Sinnenwelt bestimmten Grundbegriffe und Gesetze zusammt dem Entwurfe dessen was die Natur der Geschmackslehre, Metaphysick u. Moral ausmacht enthalten soll etwas ausführlich auszuarbeiten".

<sup>17</sup> Do original: "Ich itzo im Stande bin eine Critick der reinen Vernunft".

<sup>18</sup> Citado de acordo com o modelo da Akademie Ausgabe, segundo a qual A designa a edição da *Crítica da razão pura* de 1781 e B a de 1787.

O conceito latino correspondente é o *conceptus cosmicus*. O termo "*cosmicus*" remete a uma totalidade que estava assentada no saber da ciência da natureza feita na modernidade, a qual pode ser confirmada pela fase pré-crítica da filosofia kantiana. Contudo, a novidade na *KrV* é que esse conceito, que remete à totalidade, não diz respeito a uma mera compreensão das forças da natureza, mas sim a ascensão de uma regra fundamental: ter de abarcar a todos os homens. Aqui está a originalidade de Kant.

Desse modo, a sistemática contida na *Arquitetônica* kantiana acompanha a estrutura de seu filosofar ao longo de toda a sua vida intelectual, mas com o adendo de que o ponto central responsável pela sistemática, que pode ser encontrado praticamente de modo constante em sua formulação tanto no início quanto no final de sua reflexão (AZEVEDO, 2014). Isso é fruto da retomada de Kant de uma atitude filosófica própria da Antiguidade, a saber, a filosofia como modo de vida, que deve dizer respeito, rigorosamente, ao bem-estar da espécie.

Kant considera a filosofia um exercício, uma atividade em vista da sabedoria, que tem como principal paradigma o seu direcionamento às condições de vida do gênero humano. A filosofia, com isso, é "a doutrina e o exercício da sabedoria (não simples ciência)", isto é, "o homem não tem a posse da sabedoria. Ele somente tende a ela e somente pode ter amor por ela, e isso já é bastante meritório"<sup>19</sup>. Com Kant, a filosofia apenas pode ter sentido a partir do momento em que o homem fizer um esforço para a sabedoria.

A definição kantiana e sua atitude perante a filosofia é inspirada no ideal da Antiguidade grega clássica de que a filosofia tem de ser modo de vida para que o filósofo, e a própria filosofia, sejam levados a sério. Enquanto professor universitário, Kant lecionou várias disciplinas, nas quais usava textos de filósofos clássicos. As pesquisas para lecionar ajudaram Kant a formular o seu próprio conceito de filosofia, na medida em que colocou

em perspectiva a filosofia como lição universitária dos seus tempos modernos em comparação à filosofia clássica e seus exercícios para um modo de vida sempre atualizado, visando ao melhor para a humanidade.

Com isso, trabalharemos um texto que revela plenamente a filiação entre o conceito de filosofia cosmopolita e o modo de filosofar da Antiguidade clássica, a saber, a *Vorlesungen über philosophische Enzyklopädie (VPEn)* (cf. Kant, 1999b). O uso da *VPEn* aqui precisa ser justificado, visto que, segundo a introdução da edição por nós consultada, é composto por anotações de seus ouvintes durante um de seus cursos de introdução à filosofia, também conhecido como *Enciclopédia filosófica*, e que hoje consta no volume XXIX das obras completas de Kant. Desse curso, apenas uma anotação sobreviveu ao tempo e foi encontrada em 1899. A data provável do curso está disposta entre 1778 e 1780, comprovada devido a uma série de fatores, entre os quais o mais relevante é o seu conteúdo.

Neste trabalho, o que importa é a apresentação do curso, na qual Kant define o que entende por filosofia, isto é, sua estrutura, sua forma e, sobretudo, aquilo que ela não é, absolutamente. Isso significa que o conceito de filosofia que aparecerá um ano depois, na *KrV*, já estava definido; além desse conceito, também já estavam determinados a ideia de um todo que precede as partes (diferente das partes precedendo o todo, formando um mero agregado); a divisão entre ciências da sabedoria e ciências da erudição; a ideia de que a filosofia deve criar e não imitar; o entendimento de que a filosofia tem de se dá por meio do tribunal da razão etc. Todas essas definições foram o mote que permitiu a Kant formular um sistema.

Mais precisamente, a filosofia é definida como "doutrina da sabedoria e é superior a todos os conhecimentos humanos"<sup>20</sup> (KANT, 1999b, p. 40, tradução nossa). Ora, para Kant, a filosofia como doutrina da sabedoria não está separada do

<sup>19</sup> Esta é uma citação retirada do *Opus Postumum*, precisamente na edição francesa a que Pierre Hadot teve acesso (KANT, 1999a, p. 373).

<sup>20</sup> Do original: "*Die Lehre der eiseit und hat den Rang über alle menschlichen Erkenntnisse*".

papel do filósofo, enquanto aquele que fomenta esse jeito de entender o mundo. Entretanto, “não existe um cristão perfeito, tampouco existe um filósofo nesse sentido. Ambos são modelos”<sup>21</sup> (KANT, 1999b, p. 40, tradução nossa). Um modelo é apenas um fio condutor que serve como guia para um determinado fim. Contudo, não importa tanto o fim, mas sim o seu início, isto é, qual modelo de filósofo deve ser seguido; para Kant (1999b, p. 42-44, tradução nossa), esse modelo é o dos filósofos clássicos.

Alguns antigos filósofos aproximaram-se do modelo do verdadeiro filósofo, Rousseau igualmente; apenas não o alcançaram. Talvez muitos tenham acreditado que já possuímos a doutrina da sabedoria e que não deveríamos considerá-la uma simples ideia, pois possuímos tantos livros, cheios de prescrições que nos dizem como devemos agir. Somente que elas são, na maioria das vezes, proposições tautológicas e exigências que não se pode suportar entender, pois não mostram nenhum meio de alcançá-las. Nós devemos ver como a filosofia era feita pelos antigos. Uma ideia equivocada da filosofia há muito tempo está presente entre os homens. Mas, parece que ou eles não a compreenderam ou a consideraram uma contribuição à erudição. Se tomarmos os antigos filósofos gregos tais como Epicuro, Zenão, Sócrates etc., descobriremos que o objeto principal de sua ciência foi o destino do homem e os meios para atingi-lo. Eles permaneceram muito mais fiéis à verdadeira ideia do filósofo do que atualmente ocorre, onde o filósofo é encontrado como artista da razão<sup>22</sup>.

Ora, o filósofo antigo estava preocupado com os destinos do homem, no sentido de um projeto de vida daqueles que seguiam determinada escola de filosofia, a qual, internamente, pregava ser detentora da verdade, enquanto melhor forma possível de viver. Isso é essencial para compreender o conceito de filosofia cosmopolita, na medida em que Kant quer combater, justamente, essa filosofia feita de grande erudição, mas sem nenhum conteúdo mundano, nada dizendo sobre

o destino final do homem na terra. Um exemplo desta última afirmação é o modelo de ensino universitário de sua época, que também estava ligado de algum modo à difusa noção de salvação da alma, por meio de uma moralidade cristã de estilo pietista (KUEHN, 2001).

Kant queria estabelecer um novo paradigma ao tratar dos destinos do homem na terra, em que a moralidade aparente dos pietistas pudesse ser contraposta, na medida em que essa ideia difusa de salvação nada mais era que uma maneira de controlar os aspectos sociais da vida cotidiana por meio da formação dos quadros que tomariam posições de poder na sociedade (seja como clérigo, funcionário público, professor etc.); a salvação da alma era apenas um pano de fundo para manter certo controle sobre o futuro da universidade. Os filósofos da academia prussiana eram considerados *artistas da razão* por Kant, isto é, filósofos que apenas se preocupavam em fazer ginástica conceitual com os termos adquiridos por erudição, sem, no entanto, mostrar como tais conceitos podem dizer respeito ao destino dos homens.

Sócrates foi o primeiro a fazer uma distinção entre a filosofia como especulação e a filosofia como sabedoria [...] Ele ensinou que a especulação não ajuda a alcançar nossa destinação, e sim a examinar nosso comportamento para ver, assim, se nós podemos atingi-la. Ele não usava a filosofia para ter nossa admiração, ou para ocupar nosso desejo de saber ou qualquer outra coisa; senão para nos ensinar a sabedoria. Diógenes, o cínico, e Epicuro ensinavam igualmente sob o ponto de vista de fins. Epicuro era um filósofo que recomendava o caminho da virtude [...] Diógenes chamava sua filosofia de a via mais curta para a virtude. Ele era negativo, no sentido de apenas aprender a dispensar as coisas inúteis. Estes eram os sábios. Havia também neste tempo artistas da razão, como Platão e Aristóteles. A filosofia de Aristóteles seguia o método da escola e ele inclinava-se às sutilezas da especulação. Platão seguia o livre percurso de seu gênio. A este não era nem a especulação tampouco

<sup>21</sup> Do original: “So wenig als ein wahren Christ wirklich existiert, eben so wenig hat auch ein Philosoph in diesem Sinn ein Dasein. Sie sind beide Urbilder”.

<sup>22</sup> Do original: “Rinige Alten haben sich dem Urbild eines wahren Philosophen genährt, Rousseau gleichfalls; allein sie haben es nicht erreicht. Vileicht wird mancher glauben, dass wir Lehre der Weisheit schon haben un sie nicht als eine blosse Idee ansehen dürften, indem wir só viele Bücher besitzen, voll von Vorschriften wie wir handeln sollen. Allein die meistens sind tautologische Sätze und unerträglich anzuhörende, Forderungen; denn sie zeigen uns keine Mittel dazu zu gelangen. Wir wollen sehen wie die Philosophie bei den Alten beschaffen war. Eine verbogene Idee der Philosophie hat in den Menschen lange gelegen. Sie haben si aber teils nicht verstanden, teils als einem Beitrag zur Gelehrsamkeit angesehen. Nehmen wir die alten griechischen Philosophen wir Epikur, Zeno, Socrates etc., só finden wir, dass die Bertimmung des Menschen und die Mittel dazu zu gelangen, das Hauptobjekt ihrer Wissenschaft gewesen sind. Sie sind also der wahren Idee des Philosophen wie getreuer geliebt, als in den neueren Zeiten geschehen ist, wo man den Philosophen als Vernunftkünstler antrifft”.

a análise, senão um certo entusiasmo que o estimulava – logo se vê que os antigos eram os mestres da sabedoria. Eles exigiam que seus mestres fossem exemplares e que vivessem segundo aquilo que ensinavam.<sup>23</sup> (KANT, 1999b, p. 46, tradução nossa).

Os antigos eram mestres da sabedoria devido a esta não residir em uma pretensa verbosidade forjada para ensinar lições que a ninguém interessa, mas sim, segundo Kant, porque seu saber dizia respeito, explicitamente, a estimular os seus ouvintes a viverem da melhor forma possível, pois os próprios mestres viviam segundo suas reflexões, eram vistos como guias para o melhor viver. Essa maneira de Kant entender o papel que os antigos desempenhavam em filosofia foi essencial para sua metodologia crítica, que reouve o saber filosófico de sua marginalidade acadêmica, a fim de posicioná-lo como saber essencial a que toda e qualquer reflexão deve se reportar, além de ter como fim último a resolução dos problemas humanos, por meio de um constante progresso para o melhor.

Há um ponto interessante na passagem acima citada, que diz respeito a uma diferença essencial entre os artistas da razão e os sábios. O mais interessante desse ponto é que Kant diz que Platão e Aristóteles, no fim das contas, não passam de artistas da razão. Deve-se explicar tal passagem pelo modo da época de fazer filosofia, que tem alguma semelhança com a época de Kant. Ou seja, Platão e Aristóteles criaram escolas, as quais se preocupavam com aquilo que Kant conceitua como especulação, enquanto Diógenes e Epicuro, conforme Pierre Hadot (1999), visavam a uma forma de vida não presa a sutilezas argumentativas.

A filosofia alemã do século XVIII tinha como característica principal as suas estritas lições escolásticas, no sentido de que o mais importante é

aprender, e não criar; aqui a característica escolar tem um sentido bem mais forte que na época de Platão. Desse modo, é necessário afirmar que o conceito de filosofia cosmopolita de Kant tem como pretensão não apenas romper com a distância entre o mundo da vida e a academia prussiana, mas também, sobretudo, criar o novo.

Mais precisamente, a filosofia em sentido cosmopolita tem como fundamento uma noção de vida que interessa a todos os homens, sejam gregos ou baianos, persas ou cearenses. Kant expande a noção de filosofia a partir de uma metodologia própria, que acompanha todo o seu filosofar crítico, de modo a agregar e atualizar os seus conteúdos, isto é, a filosofia deve mostrar como os homens podem resolver os seus próprios problemas, ela deve ser um guia da razão. Aqui se toma como a coisa mais importante uma boa vida sob o ponto de vista da espécie. O modo de vida envolto na metodologia da organicidade da filosofia de Kant, que tem como ponto central o seu conceito de filosofia, apresenta um caráter universalista e cosmopolita, de fato.

O filósofo também tem um papel central nesse sistema, na medida em que deve seguir algumas regras distintas para a satisfação de sua tarefa. O filósofo e a filosofia se retroalimentam na sistemática kantiana, pois ele tanto usa quanto cria regras a partir da razão para direcionar a humanidade à sua melhor destinação. Por conta justamente disso,

[...] hoje em dia exige-se do filósofo: 1) [Ele não deve ser] supersticioso. A superstição é oposta à filosofia. O filósofo é aquele que deve ensinar as regras do uso correto do entendimento e da razão; a superstição é um juízo que não passou pela razão [...] 2) Ele deve libertar-se da imitação, pois esta é o completo contrário da filosofia.<sup>24</sup> (KANT, 1999b, p. 46-48, tradução nossa).

<sup>23</sup> Do original: "Socrates war der erste, der zwischen der Philosophie als Spekulation und als weisheit eine Unterschied machte [...] Er lehrte, di Spekulationen helfen nichts unsere Bestimmung zu erfüllen, sondern wir müssen unser Verhalten examinieren, ob wir dadurch dazu gelangen können. Er gebrauchte nicht seine Philosophie, um unsere Bewunderung, oder wissbegierde etc. Denn nicht alles was unterhält hat einen Wert, sondern das, was di wahre Zweck enthält. Z.B. das Kartenspiel ist auch unterhaltend. Diogenes der Zyniker und Epikur waren gleichfalls Lehrer der Zweck. Epikur war ein Philosoph, der den weg der Tugend mit Blumen bestreute [...] Der Diogenes nannte seine Philosophie den Kurzen Weg zur Tugend. Sie war negativ, indem er nur entbehren lehrte. Das waren Weisen. Es gab aber auch zu ihrer Zeit Künstler der Vernunft wie Plato und Aristoteles. Die Philosophie der Aristoteles war nach der Schulmethode, er inklinierte zur Subtilität der Spekulation. Plato folgte dem freien Lauf seines Genies. Nicht der Spekulation, der Analysis, sondern eine gewisse Schwärmerei sticht bei ihm vor – kurz man sieht, das die Alten Lehren der Weisheit waren. Sie forderten von ihren Lehrern Beispiele, soe sollten leben wie sie lehrten."

<sup>24</sup> Do original: "Jetziger Zeit fordert man vom Philosophen, dass er: 1) nicht abergläubisch sei. Der Aberglaube is der Philosophie gerade entgegengesetzt. Der Philosoph ist der, der die Regeln vom rechten Gebrauch des Verstandes und der Vernunft lehren soll, der Aberglaube ist aber ein Urteil ohne Gebrauch der Vernunft [...] 2) Soll er von der Nachahmung frei sein, denn sie is das grosse Gegenteil von der Philosophie".

Esses dois pontos de exigência do trabalho do filósofo correspondem, justamente, a duas características fundamentais da metodologia da filosofia crítica. O primeiro ponto, que diz respeito à superstição, tem o intuito de atingir o modelo sistemático das filosofias pautadas no pietismo, ou seja, quando se necessita lançar regras que façam jus ao modelo religioso de regulação social antes de consultar a razão para saber se tais regras são concernentes; assim, tais regras estarão sustentadas na interpretação bíblico-religiosa de um grupo, e não na razão em si mesma, pois filosofar significa não ter amarras, senão na razão, à qual se deve reportar.

O segundo ponto é o mais crucial, na medida em que funciona como um dispositivo antiescolástico. Mais precisamente, quando se imitam as regras do governo, da religião, da universidade etc., coloca-se um modo de pensamento escravo ou de menoridade (que aparecerá conceitualmente alguns anos depois), o qual precisa da chancela de outrem para confirmar os seus limites. Aqui aparece a noção de heteronomia como um completo contrário do plano do conceito de filosofia cosmopolita, visto que, para se fazer filosofia, não se pode ficar preso a nada que não contribua para os fins buscados pela razão, a nenhuma lei que não seja posta pelo filósofo e chancelada pela razão.

Assim, um filósofo, enquanto aquele que busca o ideal do sábio, não deve simplesmente achar que a filosofia está dada, seja nos livros, seja nos discursos, mas sim deve estar sempre em busca do novo. Ora, a humanidade é uma instância mutante em seus costumes, isso a história nos conta, e o filósofo deve estar sempre atento a mostrar, de uma forma sempre nova, como os seres humanos podem viver melhor, buscando seu ideal de boa vida. O filósofo é crucial aqui e se entrecruza com a filosofia de modo tal que acabam por se revelarem duas instâncias de uma só coisa.

Nós vemos que a filosofia começa pela especulação e, em seguida, se eleva à sua verdadeira destinação: ela é a guia da razão [...] Quando irás tu começar a viver virtuosamente?, disse Platão a um homem que acompanhava sua lição sobre a virtude. – Não se deve apenas especular, mas também, de uma vez por todas, é necessário pensar em praticar. Hoje em dia acha-se ser um tolo entusiasmado aquele que vive de acordo com o que ensina.<sup>25</sup> (KANT, 1999b, p. 54, tradução nossa).

Isso significa que aquele que ensinava filosofia em uma universidade alemã do século XVIII tinha um *status* social já previamente determinado, o qual não podia viver segundo as suas leituras, principalmente acerca dos antigos filósofos. Um filósofo cínico, se assim se identificava, seria tomado como um tolo que não servia para dar aulas, visto que o local exigia um decoro determinado. Essa questão para a qual Kant chama atenção, com isso, não é uma passagem qualquer. Para transformar a filosofia, reavendo um conceito que desse a ela a importância devida, seria necessário mudar o modo mesmo de encarar o papel do professor de filosofia, isto é, este deve passar a ser filósofo e contribuir para o bem-estar da humanidade como um todo. A razão deve ser a guia da humanidade, e a filosofia precisa ser a sua melhor amiga, à qual deve, impreterivelmente, sempre se reportar.

A *VPE*n aqui exposta não é uma obra que saiu da pena de Kant diretamente, e por conta disso pode haver justificadas reservas quanto a seu conteúdo e a verdadeira correspondência com os discursos proferidos durante as lições. Entretanto, pensamos ser plausível confiar no conteúdo aqui exposto devido à relação estreita entre suas passagens e aquilo que apareceu alguns anos depois na própria *KrV*<sup>26</sup>.

Mas até aqui o conceito de filosofia é apenas um conceito escolástico, ou seja, o conceito de um sistema de conhecimento, que apenas é procurado como ciência, sem ter por fim outra coisa que não seja a unidade sistemática desse saber, por consequência, a perfeição

<sup>25</sup> Do original: "Wir sehen, die Philosophie fängt von der Spekulation an, und hebt sich dann zu ihrer wahren Bestimmung; sie wird die Führerin der Vernunft [...] Wann willst du anfangen tugendhaft zu leben, sagte Plato zu einem alten Mann, der ihm erzählte, dass er die Vorlesungen über die Tugend anhörte. - Man muss doch nicht immer spekulieren, sondern auch einmal an die Ausübung denken. Allein heutzutage hält man den für einen Schwärmer, der so lebt wie er lehrt."

<sup>26</sup> Indicamos conferir o *Index des Concordances avec la Critique de la Raison Pure* da tradução francesa da *Vorlesungen*, o qual mostra uma tábua de correspondências entre os assuntos abordados durante a lição e a *KrV* (KANT, 1999).

lógica do conhecimento. Há, porém, ainda um conceito cósmico (*conceptus cosmicus*) que sempre serviu de fundamento a esta designação, especialmente quando, por assim dizer, era personificado e representado no ideal do filósofo, como um arquétipo. Deste ponto de vista a filosofia é a ciência da relação de todo o conhecimento aos fins essenciais da razão humana (*teleologia rationis humanae*) e o filósofo não é um artista da razão, mas o legislador da razão humana. Neste sentido, seria demasiado orgulhoso chamar-se a si próprio um filósofo e pretender ter igualado o arquétipo, que não existe a não ser a ideia [dele] (A 838-9/B 866-7). (KANT, 2010, p. 661).

Com isso, não é por conta de conhecer Platão que alguém pode ter um método de acesso à verdade. Esta última tem relevância central em Kant, tanto que ele limitou os juízos a instâncias de verificação empírica; por isso, segundo Zanella (2015, p. 76),

[...] a filosofia de acordo com a sua significação cosmopolita – como doutrina da sabedoria – não está dada, não está escrita. Ela deve, no entanto, ser progressivamente construída através do próprio uso da razão.

Platão, Aristóteles, Agostinho, Tomás de Aquino, Leibniz ou Wolff são filósofos importantes que tentaram sistematizar o pensamento sobre o mundo, mas servem, segundo Kant, apenas para conhecer os seus erros, a fim de não repeti-los, sendo isso o que se pode chamar de “constante atualização do pensamento”.

### Considerações finais

Conhecer os sistemas que se sucederam ao longo da história da filosofia não torna ninguém filósofo; para tal é necessário seguir uma sabedoria de vida que racionalmente organize uma sistemática de pensamento que trata do melhor e direciona a humanidade a este. Esse é o espírito da filosofia grega que Kant reouve com o conceito de filosofia cosmopolita, transformando toda a filosofia anterior, segundo ele, em obsoleta, e a filosofia crítica em um sistema próprio ao pensamento e à vida da espécie.

Por conta disso, rememorar os passos dados por Kant até a conquista de um conceito de filosofia adequado não apenas à sua época mas

também à sua filosofia equivale a demonstrar o amadurecimento do trabalho conceitual de Kant. Escolhemos reconstruir sua noção de filosofia cosmopolita ao longo do período pré-crítico, por conta de ser naquela época, enquanto professor que necessitava pesquisar para suas aulas, que Kant adquire toda a cultura necessária para fundamentar o projeto crítico. Tal fundamentação seria fortuita se não houvesse um guia sistemático, ou seja, um fio condutor que pudesse proporcionar organicidade ao seu saber filosófico; Kant escolheu perseguir a sabedoria, assim como faziam os antigos gregos.

A sabedoria é, desde os gregos, um conceito com viés crítico, na medida em que ser sábio naquele contexto significava ser alguém que decompõe o que está posto em vista de organizar o que virá; o período clássico da filosofia grega responde por uma atitude de vida específica, a saber, entender-se como parte que apenas ganha sentido no todo. As noções de totalidade, verdade, pertencimento, finalidade etc. põem-se de acordo com o modo de vida elaborado para atingi-las. Kant, por conta disso, retoma o sentido de sabedoria grega enquanto forma crítica que decompõe o mundo em vista de organizar o porvir.

A sabedoria, nesse sentido, é o modo mesmo de retomar a importância da filosofia em um contexto, precisamente o do século XVIII, em que a ciência se mostrava muito mais acurada na adequação do discurso ao objeto. A sabedoria, desde Platão e Sócrates, é aquilo que a humanidade não tem, porque, se tivesse, todos os problemas estavam resolvidos; seríamos deuses. Só os deuses detêm a sabedoria, eles sabem o que são as coisas em si mesmas, como elas são fora do tempo. Os homens buscam, romanticamente, a sabedoria como forma de aplacar sua ignorância sobre o mundo em si mesmo, entretanto a sabedoria é inalcançável para nós. Com isso, o ponto não é atingir o nível divino – o da sabedoria sobre o absoluto –, mas sim caminhar em direção a uma ideia de sabedoria, caminhada cujo cume será sempre malogrado, e por isso romântico, inatingível. Ora, o caminhar se torna,



para a humanidade, bem mais importante do que atingir os fins, os quais devem ser regulativos do próprio caminhar.

Assim, este artigo teve como principal função chamar atenção para os fundamentos da filosofia kantiana, os quais foram esquecidos pela fortuna crítica e que têm sua genealogia ao longo de vários anos de reflexão no período pré-crítico. Portanto, o conceito de filosofia cosmopolita, erigido por Kant e organicamente usado no período crítico, funciona como ponto de sistematicidade para a atividade do filosofar; além disso, por meio da filosofia, tem de ser possível vislumbrar, seguindo o espírito do movimento iluminista, a resolução possível dos problemas humanos que possam, por ventura, aparecer ao longo da caminhada em direção à sabedoria.

## Referências

AZEVEDO, H. *Antropologia como finalidade da filosofia em Kant*. 2019. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

AZEVEDO, H. Kant e a filosofia: ensaio sobre o espírito da filosofia de Kant. *Kinesis*, Marília, v. V, n. 9, p. 124-137, 2013.

AZEVEDO, H. *Kant e conceito de filosofia cosmopolita*. 2014. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

BÉLAND, F. L'origine "précritique" du "concept cosmique" de la philosophie chez Kant. In: LANGLOIS, L. (org.). *Anées 1747-1781, Kant avant la Critique de la Raison Pure*. Paris: Vrin, 2009. p. 169-176.

BELSUNCE, E. G. *Cuestiones Kantianas y un opúsculo de Kant*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

CLEWIS, R. Kant's conception of philosophy. In: RUFFING, M.; LA ROCCA, C.; FERRARIN, A.; BACIN, S. (org.). *Kant und die Philosophie in Weltbürgerlicher Absicht*. Berlin: Walter de Gruyter, 2013. p. 491-502.

FIGUEIREDO, V. Introdução. In: KANT, I. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. Ensaio sobre as doenças mentais. Tradução: Vinicius Figueiredo. Campinas: Papyrus, 1993. p. 8.

GILSON, E. *O ser e a essência*. Tradução: Carlos Eduardo de Oliveira et al. São Paulo: Paulus, 2016.

HADOT, P. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 1999.

KANT, I. *Abrégé de Philosophie ou Leçons sur L'Encyclopédie Philosophique / Vorlesungen über philosophische Enzyklopädie*. Traduit: Arnauld Pelletier. Paris: Vrin, 1999b.

KANT, I. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Tradução: Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006a.

KANT, I. *Conflito das faculdades*. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1993.

KANT, I. *Correspondência Lambert/Kant*. Tradução: Manuel J. Carmo Ferreira. Lisboa: Presença, 1988.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Tradução: Manuela Pinto dos Santos; Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Calouste Gulbekian, 2010.

KANT, I. *Escritos pré-críticos*. Tradução: Vinicius de Figueiredo et al. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

KANT, I. *Gesammelten Werken*. Disponível em: <http://kant.korpora.org>. Acesso em: 2 nov. 2022.

KANT, I. Informação acerca da orientação dos seus cursos no semestre de inverno de 1765-1766. In: SANTOS, L. *A razão sensível*. Lisboa: Colibri, 1994. p. 188-191.

KANT, I. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. Ensaio sobre as doenças mentais. Tradução: Vinicius Figueiredo. Campinas: Papyrus, 1993.

KANT, I. *Opus Postumum*. In: HADOT, P. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 1999a.

KANT, I. *Para a paz perpétua*. Tradução: Bárbara Kristensen. Rianxo: Instituto Galego de Estudos de Segurança Internacional e da Paz, 2006b.

KERSZBERG, P. Kant ou la cosmologie comme philosophie première. In: LANGLOIS, L. (org.). *Anées 1747-1781, Kant avant la Critique de la Raison Pure*. Paris: Vrin, 2009. p. 96-106.

KUEHN, M. *Kant, a Biography*. New York: Cambridge Press, 2001.

LINHARES, O. B. Sentido, sensibilidade e intuição: da dissertação inaugural a crítica. In: KLEIN, J. (org.). *Comentários às obras de Kant*. Florianópolis: Nefiponline, 2012. p. 41-70.

PEREZ, D. *Kant pré-crítico: a desventura filosófica da pergunta*. Cascavel: EDUNIOESTE, 1998.

ROUSSEAU, J. J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

STAN, M. Newton and Wolff: the leibnizian reaction to the principia, 1716-1763. *The Southern Journal of Philosophy*, Memphis, v. 50, n. 3, 459-481, 2012.

ZANELLA, D. C. A filosofia cosmopolita de Immanuel Kant. *Studia Kantiana*, Curitiba, p. 69-85, 2015.

---

### **José Henrique Alexandre de Azevedo**

Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará, Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas com estágio sanduíche na Hong Kong Baptist University (Hong Kong/China). Foi professor da Faculdade Católica de Fortaleza (Seminário da Prainha); atualmente, é professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFil) da mesma universidade.

---

### **Endereço para correspondência**

JOSÉ HENRIQUE ALEXANDRE DE AZEVEDO

Av. Luciano Carneiro, n. 345

Fátima, 60410-690

Fortaleza, CE, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*